



HISTÓRICO

1 - ORIGENS

A origem da área remonta ao século passado, quando era ocupada por engenhos de açúcar, de propriedade dos padres jesuítas. Com o declínio dessa cultura, começou a divisão da mesma em chácaras, dentre elas a do comendador Manuel José de Bessa, vendida em 1865, ao príncipe Augusto Luis Maria Eudes, Duque de Saxe.

Estas terras provavelmente foram desapropriadas após a proclamação da República e consequente arresto dos bens pertencentes à Família Imperial, da qual fazia parte o Duque de Saxe, marido de Dona Leopoldina, filha de D. Pedro II.

Mais tarde, toda a região entre a Av. Maracanã, o Rio Joana e a Rede Ferroviária passou a ser propriedade do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Sua sede, antes localizada na Rua 1º de Março, no Centro do Rio, mudou-se em 1909, para a Praia Vermelha, ocupando um importante prédio construído em 1880.

Uma de suas divisões, no entanto a "Diretoria do Serviço de Indústria Pastoral", seria transferida, em 1918, para um prédio na recém aberta rua Mata Machado, ao lado do Derby Club.

Quanto à origem deste prédio, que, mais tarde, viria sediar o antigo Museu do Índio, há poucas informações disponíveis e muitas delas se contradizem. A hipótese de o prédio ter sido palácio do Duque de Saxe está descartada, pois a residência do Duque - um casarão do século passado - situava-se à atual rua General Canabarro, no prédio em que, mais tarde, foi instalada a Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária, criada em 20 de outubro de 1910. Posteriormente, foi demolido e ali ergueu-se o edifício da Escola Técnica Celso Suckow da Fonseca.

Também foi aventada a possibilidade de o prédio ter abrigado a sede social do Derby Club, que funcionava ao lado. Ao pesquisarmos este dado, descobrimos que a sede ficava no Centro da Cidade, na atual Avenida Rio Branco.

Uma outra hipótese, mais provável, é a de que o prédio foi construído no início da primeira década do século XX, especificamente com a finalidade de sediar algum órgão do Ministério da Agricultura, já que ali se instalaria em 1918, o serviço de Indústria Pastoral.

FIs-02



Cabe notar que vários medalhões em estuque aplicado nas fachadas, trazem em seu campo as iniciais SV monogramadas, significando, talvez, " Serviço de Veterinária".

Não é de todo improvável que o órgão ali instalado tenha trocado de nome mais de uma vez, o que é bastante comum em órgãos públicos. *(brasileiros!)*

Quanto a data exata de sua construção, não há qualquer fonte documental que ajude na sua identificação. No próprio prédio, sobre a porta da fachada posterior, um medalhão em estuque traz inscrita a data de sua possível construção. No entanto, restam inteiros apenas os dois numerais iniciais - 1 e 9 - o que indica o século. O terceiro numeral, embora esteja incompleto, é sem dúvida o número 1, indicando a década. Mas falta, por infeliz ironia, exatamente o último numeral, aquele que forneceria a data precisa. Em 1926, o prédio aparece registrado nos documentos do Departamento de Licenciamento e Fiscalização da Prefeitura / RJ, como "Depósito Experimental de Veterinária". É possível concluir que constituía-se em parte da Escola de Veterinária e Agronomia, e não como o prédio principal desta, como afirmaram alguns informantes consultados em nossa pesquisa.

A construção de um prédio destinado à indústria pastoril ao lado do Derby Club não parece aleatória, visto que, em 1917, o Governo Federal fez publicar um decreto com o seguinte conteúdo: " o Ministério da Agricultura auxiliará a criação nacional e a importação do cavalo puro sangue por intermédio das sociedades de corridas hípcas da Capital da República, incumbindo ao Ministério da agricultura a aplicação desta lei " (Santos, Vilella dos . Jockey Club - sua história / 1868-1922, Rio de Janeiro, Litho-Typo Fluminense, 1922). Cabe notar ainda, que já em 1883 instituiu-se o páreo "Indústria Pastoral" e que o decreto de 1917 obrigava o ministério a mandar um representante para atuar junto à Comissão Central dos Criadores dos cavalos puro sangue e veterinários responsáveis pela fiscalização dos animais. Tais fatos deixam claro que havia uma íntima relação entre as atividades do Derby Club e a política do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

A construção de um prédio tão próximo para o funcionamento de um órgão que viabilizaria essa confluência de interesses parece-nos, por tanto, bastante pertinente.

Quanto à possibilidade de o prédio ter sido projetado pela equipe do escritório responsável pelos projetos e conservação dos edifícios pertencentes ao Ministério de Agricultura, estaria em completo acordo com as atribuições do mesmo. As dificuldades para encontrarmos dados mais objetivos sobre a construção do prédio devem-se, em parte, à desativação desse escritório em 1977, não havendo hóje na Delegacia do Mi-



Dentro do contexto das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, o prédio abrigou a exposição agropecuária. Outras mostras se seguiram, constituindo um Parque de Exposições ao seu redor.

2 - O MUSEU DO ÍNDIO

Fundado em 1910 por Cândido Mariano da Silva Rondon, o Serviço de Proteção ao Índio - SPI - previa em seu regimento (de 16.10.1942) uma Seção de Estudos, com a atribuição, dentre outras, de criar um "Museu do Índio". O objetivo era documentar, por meio de pesquisas etnológicas e lingüísticas, registros sonoros e de imagens de aspectos das culturas indígenas, visando à orientação das diretrizes científicas e assistenciais do SPI.

A Seção de Estudos realizou inúmeras expedições e reuniu um vasto acervo constituído por filmes, fotografias, discos e artefatos. Em 1947, foram admitidos os primeiros etnólogos, "evoluindo assim, de uma equipe de documentação cinefotográfica e sonográfica para um verdadeiro centro de pesquisas etnológicas".

(Museu do Índio: 30 anos, 1953-1983. Edição Comemorativa. Rio de Janeiro, 1983, p. 10) Neste ano, ingressaram o etnólogo Darcy Ribeiro e Max Boudin, especialista em lingüística, passando o primeiro a chefe da seção em 1952.

O Museu do Índio foi inaugurado em 19 de abril de 1953.

Em seu livro "Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu", Rio de Janeiro, Guanabara, 1985, Darcy Ribeiro afirma que a inauguração do Museu deu-se em 1952. Pesquisando em jornais desse ano, e do seguinte, não encontramos quaisquer referências à inauguração.

O Jornal do Brasil, de 19.04.53, anunciava a comemoração do Dia do Índio com a presença do Marechal Rondon, sem qualquer menção ao Museu. No entanto, é esta a data usada nos textos em geral e na Revista Comemorativa dos 30 anos do Museu.

É importante notar que não há ata de criação do mesmo, pois alegava-se que já estava previsto nas atribuições da Seção de Estudos. Na época, Cândido Rondon presidia o Conselho Nacional de Proteção ao Índio, José Maria da Gama Malcher dirigia o SPI, e Darcy Ribeiro / chefiava a SE.

O projeto do Museu - considerado na época uma inovação na técnica museográfica - adaptou o andar superior do prédio do Ministério da Agricultura e ficou a cargo do arquiteto Aldary Toledo.



Inicialmente contando com 250m2 de exposições, abrigava ainda um arquivo cinematográfico, câmara de projeção, auditório, discoteca e uma biblioteca especializada em etnologia brasileira.

Segundo a revista comemorativa dos trinta anos do Museu do Índio (1953-1983), este esteve sempre "comprometido com os propósitos de salvação das populações indígenas e nunca, obviamente, contentou-se com a estreiteza da perspectiva etnológica tradicional" (p. 11).

Além do vasto e valioso trabalho junto às comunidades indígenas, o Museu teve seu percurso marcado por um intenso diálogo com outras instituições culturais e educacionais. Graças a esse espírito aberto e dinâmico, o Museu modernizou de modo sensível seu atendimento ao público e suas pesquisas de campo.

Além de tornar-se uma referência internacional, o Museu serviu de modelo a diversas instituições, orientando-as quanto à catalogação e classificação de material etnográfico e quanto aos melhores métodos de exposição museográficas.

Iniciada em 1972, a direção de Ney Land (substituindo Flora Schlesinger) teve como principal objetivo a mudança de sede do Museu. Embora várias negociações tenham sido feitas a favor da transferência da sede para o palacete do Parque Lage, seu destino foi um prédio tombado pelo SPHAN, na Rua das Palmeiras 55, Botafogo. A mudança ocorreu em 1977, com a abertura para o público um ano depois, em 12 de dezembro.

Desde então, a antiga sede ficou sem uso, até chegar ao completo / abandono.

Eucanaã Ferraz
Ma. Teresa De Biase
(1997)